

A NOSSA TAREFA ACTUAL É APOIAR A LUTA DO ZIMBABWE

Apelo do Presidente Samora, em Chocué, a vigilância, produção e sacrifício do povo moçambicano para apoiar a libertação dos oprimidos.

Durante a visita que efectuou anteontem ao Chocué, na Província de Gaza, o Presidente Samora Machel reuniu com a população daquele distrito, conforme oportunamente anunciamos. Naquela reunião popular o dirigente máximo do povo moçambicano evocou a situação criada no nosso país pela agressão do regime racista de Salisbúria e o nosso dever de solidariedade internacionalista para com a luta do povo do Zimbabwe, tendo pronunciado as seguintes palavras:

Vimos para trocar algumas experiências comuns. Significa que viemos para que, convosco, possamos encontrar soluções justas para o tratamento de certas «doenças» que continuam a dizimar o povo, do Mundo.

O Mundo continua a ser dominado. A opressão continua a exercer-se sobre a humanidade. A liberdade conquistada; é preciso lutar para conquistar a liberdade. A personalidade conquistada; o respeito a dignidade conquistada; também. Por isso, enquanto existir no mundo a opressão, enquanto continuar a existir no mundo a dominação — a forma mais alta da escravatura — não haverá sossego neste nosso globo terrestre.

Enquanto existirem parasitas, nós seremos obrigados a encontrar meios, seremos obrigados a descobrir os meios mais eficazes para a sua destruição completa. A certa altura quando um parasita está isolado, apanhamo-lo imediatamente. Mas quando são muitos e se ligam continuamente com os outros, percebe-se que o meio mais eficaz é só ferver a água numa panela grande e meter a roupa toda lá dentro.

O SIGNIFICADO DA SOLIDARIEDADE

Primeiro queremos, em nome da FRELIMO, (o que significa em nome do povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo), e em nome da República Popular de Moçambique, do Governo, apresentarmos parabenos, condolências, porque a vossa província foi libertada de um regime racista. Parabéns, porque foi o

vitimas homens, velhos, jovens, mulheres e crianças. Esta agressão não é uma agressão isolada; é uma agressão que obedece à estratégia global do imperialismo; um plano geral do inimigo — o inimigo dos povos oprimidos.

Na Europa, há uns vinte ou trinta anos acabaram com a dominação. Na Ásia ainda existe dominação; na América — no Continente Americano —, ainda existe dominação; em África, temos os nossos vizinhos da Rodésia do Sul, temos os nossos irmãos do Sudoeste Africano, Namíbia, que são governados, que são mortos, que são assassinados pelos colonialistas por uma minoria sobre a maioria.

Em Novembro, o povo moçambicano apoiou a luta de Angola; condenou vigorosamente, condenou energeticamente essa agressão. O povo, unido, gritou para todos os cantos do mundo, condenando a agressão estrangeira contra o povo angolano.

Mas, no mesmo tempo, em Novembro, o nosso povo festejou o fim do colonialismo português em África. Quando Angola declarou a sua independência, isso significou, dissemos e continuamos a dizer, representou o fim do colonialismo português em África; da presença portuguesa; da dominação portuguesa. A queda desse último baluarte, nesse momento, permitiu aos povos colonizados recuperar a sua personalidade, a sua identidade, a sua dignidade, o respeito e o seu lugar no Mundo.

Em 1974, quando caiu o Governo de Marcelo Caetano, em Portugal, festejámos com o povo português, porque o povo português era oprimido.

Quer dizer, foi o fim do fascismo. O povo português começou a saber saborear a liberdade; começou a conhecer o que é a liberdade, o que é viver em paz; o que é a solidariedade do mundo em relação aos povos oprimidos.

Isso significa que a opressão não é só exercida pela cor branca sobre a cor negra. É também exercida pela cor negra sobre a cor branca. Seja qual for a opressão, representada por seja qual for a cor, é condenada em todo o mundo e deve ser combatida, porque seria o mesmo que dizer que aquele que foi apanhado pelo leão foi bem apanhado, e aquele que é apanhado pelo tigre ou pelo leopardo foi mal apanhado. Ser apanhado é ser apanhado.

Ser oprimido por uma cor negra é uma forma de opressão. Ser oprimido por uma cor branca é opressão, e nós não queremos nenhuma forma de opressão no Mundo. É por isso que nós dizemos que a justa luta dos povos oprimidos do Mundo. Por isso devemos dizer, como disseram aqui, há pouco tempo, quando o sangue é chupado pelo piolho, dizemos que o piolho é parasita. E não tem cor. Parasita é parasita e não tem cor. É carraça, e piolho, e percebe-se tudo é parasita. A sua cor não importa. Todos são parasitas; vivem de sangue. Não bebem leite, não bebem água, bebem sangue.

O explorador é explorador. Domina para poder explorar. Portanto, opressor é opressor. Dizem isto para vos permitir elevarem a vossa vigilância. Não seremos libertados pela cor da pele. Agente é agente. A Pêlo não era Pêlo, nem era Moçambique? Então, então,

... a Fide? Ontem gritavam
... Salazar, abaixo a
... Franco que dizem
... FRELIMO
... descobrem

... Informos do
... que se opõem
... existe o colonia
... África. Te
... Rodésia do Sul.
... não tem
... Não fazes isto
... não se coti
... desta maneira, como
... estavam aqui os por
... colonistas. Os col
... não estão aqui.
... fugiram.

Colonialista significa opres
sor, significa colonizador; col
onialista significa explorador;
colonialista significa crimino
so; significa assassino; col
onialista significa bandido.
Não confundir. Se não, vão
errar o vosso combate. Senão,
vão apontar as armas contra
um amigo nosso. É muito im
portante conhecer o inimigo
para poder acertar no alvo.

APOIO A LUTA DO POVO DE ZIMBABWE

Neste momento temos uma
tarefa grande e que é a luta
contra a dominação que é
exercida por uma minoria, na
Rodésia do Sul. A nossa ta
refa, actualmente, é a de
apoiarmos a luta do Zimbabwe
contra a dominação estran
geira. A nossa tarefa é a de
apoiarmos os combatentes,
aqueles que têm armas na
mão e querem a sua liber
dade.

A nossa liberdade veio atra
vés do cano das armas. For
am as balas que conquista
ram a liberdade. Portanto, é
nosso dever apoiar aqueles
que têm armas na mão e que
disparam contra o opressor
para conquistar a sua liber
dade. Apoiar a luta - e esse
apoio tem muitas exigências.

Temos de obedecer a certas
regras para apoiarmos me
lhor a luta do Zimbabwe. Pri
meiro aceitamos que a luta
que se travava no Zimbabwe
é uma luta nossa. Temos de
compreendê-la. E, para isso
precisamos de travar um
combate tem de se convencer
de que a luta que se trava
no Zimbabwe é a luta do
povo moçambicano. Foi assim
que nos em termos conquista
ram a independência. Porque

... fez da luta do
... Moçambique a sua
... Zâmbia fez
... Moçam
... luta. Nós, também,
... fazer da luta
... nossa luta.

DEVEMOS ACEITAR SACRIFICIOS

Sabem que eu participei
na decisão, em 1964, tive a
honra de participar numa reu
nião restrita que decidiu de
sencadear a luta em Moçam
bique. Particpei nessa reunião
em que se decidiu que nós
não tínhamos outro meio, se
não através da violência, atra
vés da luta armada. Depois,
o Comité Central da FRELIMO
analisou a situação e en
carámos a realidade de que,
em Moçambique estavam 40
mil soldados do exército col
onial português com aviões
e navios de guerra contra o
povo moçambicano e nós só
tínhamos 200 soldados.

Quarenta mil soldados do
minavam o povo moçambica
no, do Rovuma ao Maputo, do
Maputo ao Rovuma, de Tete
até ao Oceano Índico; 40 mil
soldados que oprimiam o nos
so povo.

E nós decidimos isto: uma
parte do povo moçambicano
deve aceitar a morte. Foi en
tão, quando nós decidimos
que era preciso aceitar sacri
fícios, foi preciso aceitar-se a
morte. E, assim, ao longo de
dez anos, o povo da Tanzânia
apoiou a nossa luta, o povo
da Zâmbia apoiou a nossa luta
e, ao fim de dez anos conqui
támos a independência. Ven
cemos o exército colonial. De
poucos, fomos crescendo para
muitos. Ao fim de dez anos já
o exército colonial não estava
em condições de enfrentar o
povo moçambicano. Portanto,
o nosso dever, em primeiro
lugar, é aceitar que a luta no
Zimbabwe é a luta do povo
moçambicano: faz parte da
luta dos povos oprimidos.

Em segundo lugar, aumen
tamos a nossa produção para
alimentarmos aqueles que
combatem, porque quando eles
combatem consolidamos a nos
sa independência aqui em Mo
çambique.

Em resumo, devemos estar
preparados para sacrifícios.
Trabalho, produção, para
apoiarmos a luta, para dan
sarmos de comer aos combaten

tes. Enquanto realizamos estas
duas tarefas, ao mesmo tempo,
fazemos a auto-preparação
para enfrentar o inimigo es
colhido para se opor ao nosso
combate.

Nós pensamos que a melhor
defesa do nosso País é que
cada moçambicano deva trans
formar-se em inimigo do nos
so inimigo, do inimigo do nos
so povo, do inimigo dos povos
oprimidos, do inimigo do nos
so continente. O inimigo ja
nos definiu como inimigo dele.
Agora, por que é que nós di
ríamos que é nosso amigo?
É nosso amigo o «pide»? Por
tanto, temos de aceitar o con
vite que o inimigo nos fez ao
definir-nos como seu inimigo.
É preciso considerar Ian
Smith como nosso inimigo.

E por isso que o Governo
de Moçambique, o Conselho de
Ministros, o Comité Central
da FRELIMO decidiram en
cerrar as fronteiras com Ian
Smith para apoiar a luta do
Zimbabwe. Isto porque, estas
sanções foram decididas em
1965 mas não tinham efeito
porque Ian Smith era aliado
directo do colonialismo portu
guês. Nós mandávamos gaso
lina para Ian Smith, para en
cher os aviões que nos vêm
aqui bombardear, com a gaso
lina que nós mandamos
para lá.

Os nossos trabalhadores no
Porto de Maputo, os nossos
trabalhadores do Porto de
Beira carregam camiões, põem
a carga dentro dos vagões,
o comboio puxa para a Rodé
sia, para o Smith abrir as
caixas, cheias de balas e ar
mas que entram de Moçam
bique e vem matar gente ao
nosso País.

A gasolina entra no Ma
puto, entra na Beira e vai
para a Rodésia para encher
aviões que vêm bombardear,
matar, massacrar. A comi
da entra do Maputo, entra
da Beira e vai alimentar os
soldados para terem força
para vir matar os moçambica
nos e Ian Smith recebe armas
recebe minas, recebe bombas,
recebe fardas para os soldados
e vai equipar a sua gente que
vem praticar crimes em Mo
çambique. Foi por isso que
nós fechámos a fronteira com
Ian Smith.

Preferimos ser pobres, mas
com vida. Seremos pobres, mas
com a nossa honra, com a

nossa personalidade, com a nossa saúde e com a nossa produção. Preferimos isso a viver aparentemente ricos, mas alimentando o nosso inimigo para nos matar; a vivermos humilhados e desrespeitados. Isso não aceitamos.

Dissêmos: Não ao colonialismo português e agora, muito menos a um tabaqueiro. Oferecemos as nossas vidas para conquistar a independência. Agora, vamos ser novamente neocolonizados por um tabaqueiro. Oferecemos as nossas vidas, consentimos sacrifícios pela nossa liberdade e queremos de novo, com sacrifícios e com sangue elementar a nossa independência, consolidar a nossa liberdade e desenvolver a nossa Pátria. Por isso, pensamos e estamos convencidos de que com o apoio do povo moçambicano, à justa luta do povo do Zimbabwe, o Smith em poucos meses vai para o ar, porque não se apaga o fogo com lenha seca.

Primeiro, nada não vai destruir a vontade de liberdade, a vontade do povo de Zimbabwe, a determinação do povo de Zimbabwe de conquistar a sua independência. São 273 mil racistas na Rodésia contra 10 milhões de africanos. São dominados dez milhões por 273 mil racistas.

O nosso dever, como é o dever da África, como é o dever de toda a humanidade, é o dever de todos os continentes é apoiar a luta justa

do povo do Zimbabwe; apoiar a justa luta dos povos oprimidos; é condenar energeticamente e lutarmos contra o colonialismo, contra a opressão, contra a dominação.

Smith não está contra o povo do Zimbabwe. Está contra a África inteira. Smith não está só contra a África. Está contra todos os povos amantes da Paz. Não está só contra os amantes da Paz, como também está contra as Nações Unidas que prezam a liberdade. Smith não está contra africanos, só. Está contra a Humanidade inteira. Está contra a Europa, está contra a Ásia, está contra a América. Por isso, o mais rapidamente possível estamos convencidos, sobretudo porque ele levantou a pedra um grau mais alto, e quando a deixar cair aos pés eles serão esmagados.

SMITH É UM LOUCO IRRESPONSÁVEL

Nós pensamos que um homem que declara guerra contra a Humanidade é um louco. Smith, portanto, é um louco. Agora que ele colocou a corda qual é o nosso dever? É puxar a corda para ir apertando. Ele já colocou a corda; é maluco, é irresponsável, é uma criança que brinca com o fogo.

Por isso a vossa província de Gaza tem menos moçambicanos. Nós necessitaremos de homens treinados, de lhes dar armas para nos defendermos.

Desde agora apoiamos os combatentes do Zimbabwe. Devem, também, realizar a defesa nacional. O inimigo quando entra, não deve sair. Aprendemos isto, também, na guerra. Diz-se que, quando se quer abater o cão, abre-se-lhe a porta, deixa-se entrar, fecha-se a porta e, então, abate-se.

Portanto, ao Smith vamos deixar entrar, mas não deixar sair. Quando ele sai da Rodésia e entra em Moçambique significa que a cobra saiu do buraco e não devemos deixá-la entrar mais no buraco. Diz-se que quando se quer matar uma cobra e ela fugir para se meter no buraco, nunca se deve meter a mão. Queima-se piri-piri e rapé ou tabaco e mete-se lá dentro e ela vai sair. Quando ela tiver saído mata-se com um pau, com facilidade.

Smith tem força quando está na Rodésia. Mas quando ele entra cá é uma cobra fora do buraco. O que é que acham que fará o povo de Gaza perante esta situação? Como eu, estão prontos a ir para a frente. Estão prontos para defender a Pátria. Eu estou pronto para defender a minha terra. E não somos só os que estão aqui. Todo o povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo, está pronto para defender a sua terra. Somos dez milhões de moçambicanos. A nossa Pátria deve ser, realmente o túmulo para todos os opressores.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-03-08)